

ANÁLISE DISTRIBUCIONAL INTRA-SÍTIO EM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: ALGUMAS APLICAÇÕES

Marcos André Torres de Souza¹
Luís Cláudio Pereira Symanski²

“As computer simulators have discovered, tonally perfect music is boring – it is the slight imperfections in tone and timbre that make a piece of music rich and pleasing to the ear, and beautiful music lies between cacophony and perfection. Anthropology should center, and orchestrate around a principal theme, the quest for understanding the human condition using scientific principles, yet be tolerant of the discordance that will, in the end, make it rich and meaningful.” (Kuznar, 1997:224)

RESUMO

O artigo apresenta algumas alternativas analíticas e interpretativas para a realização de estudos sobre espacialidade em sítios históricos, tomando como exemplo três casos brasileiros, que serão examinados com base na classificação de teorias em nível baixo, médio e alto. É reconhecida a presença de tensões teóricas no nível alto, argumentando-se que esta tendência pode ser produtiva para a Arqueologia Histórica.

ABSTRACT

This paper presents some analytical and interpretative alternatives for the studies about spatiality in historical sites. It takes three Brazilian cases as examples, examining them based on the classification of theories in low, middle, and high level. The presence of theoretical tensions is recognized at the high level, but we suggest that this trend would be productive for the Historical Archaeology.

¹ Professor-Pesquisador do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/Universidade Católica de Goiás – IGPA/UCG e Mestrando em História pela UFG.

² Bolsista Recém-Mestre da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS, Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

Estudos envolvendo a análise distribucional intra-sítio vem sendo desenvolvidos na Arqueologia Histórica norte-americana há mais de uma década, tanto em unidades domésticas (King, 1988; King & Miller, 1991; Pogue, 1988 entre outros) quanto em cidades (Williams, 1986 entre outros). Neste artigo pretende-se discutir algumas de suas aplicações utilizando como exemplo três estudos de caso realizados no Brasil: uma unidade doméstica semi-rural de Porto Alegre ocupada entre a segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX; uma casa de pedágio e unidade doméstica situada no ambiente rural, em Goiás, ocupada entre 1909 e 1910; e um arraial de mineração de Goiás, fundado em cerca de 1726 e abandonado em cerca de 1960.

O método empregado para a realização desses estudos, envolve a geração de mapas de contornos, cuja finalidade é a de expressar diferentes gradientes de densidade de artefatos. Este método vem sendo empregado tanto para análises inter-sítio quanto para análises intra-sítio e se constitui numa ferramenta apropriada para pesquisadores interessados em estudos sobre espacialidade, tendo também sido utilizado na pré-história brasileira (Wüst & Carvalho, 1996; Silva et al., 1997; Viana, neste volume; para as implicações teóricas de análises espaciais na pré-história ver Wüst, no prelo).

Os estudos dos sítios: Lopo Gonçalves e Quincão serão ainda examinados à luz das teorias vigentes, enfocando as tensões atualmente existentes e que tem sido alvo de atenta reflexão na disciplina, debate este já inaugurado na Arqueologia Brasileira (Lima, 1996; Lima, no prelo, a; Lima, no prelo, b). Acompanhando esta discussão, serão realizados esforços para incluir os dois casos mencionados acima e as perspectivas da análise distribucional intra-sítio dentro de níveis interpretativos satisfatórios.

O caso do arraial de Ouro Fino será apresentado visando somente discutir a aplicação

do método em contextos mais amplos, como os sítios-cidade. Pelo fato desta pesquisa estar em andamento, ainda não existem elementos suficientes que permitam entrar nas questões relacionadas à sua estrutura de análise, como nos dois casos supracitados.

AS TEORIAS

A década de 80 presenciou, principalmente nos países anglo-saxônicos, o início de um acirrado debate teórico, no qual uma prática arqueológica hegemônica, de caráter positivista, que reclamava à arqueologia o estatuto de ciência, foi desafiada por novas tendências, fundamentadas, sobretudo, na abordagem pós-moderna que estava se consolidando nos diversos ramos das ciências sociais. À arqueologia científica, chamada processual, contrapôs-se uma linha teórica multifacetada, rotulada genericamente de pós-processualista, cuja ênfase era na interpretação. Entre uma série de oposições entre essas vertentes teóricas, destaca-se o fato de, na crítica pós-processualista, o processualismo considerar a cultura material como um reflexo passivo do comportamento humano (Hodder, 1986:7; Shanks & Tilley, 1987:85; ver também Yoffee & Sherratt, 1993), enquanto que, para os pós-processualistas, crenças e práticas interpõem-se entre a cultura material e a sociedade que a produziu e utilizou (Shanks & Tilley, 1987:85), de modo que o registro arqueológico apresenta uma teia de significados que tem de ser decodificados pelos arqueólogos. Antes do que chegar a algum consenso, este debate prossegue até o momento, tendo gerado de posições relativistas extremas, que realçam a não existência de um conhecimento objetivo do passado (Shanks e Tilley, 1987), até aquelas híbridas, que buscam enquadrar diversos temas pós-processualistas dentro de um programa processualista (Renfrew e Bahn, 1991).

Os arqueólogos que realçam o caráter científico da pesquisa arqueológica, seguindo o exemplo dos teóricos das ciências sociais, classificam suas teorias em três níveis: alto, médio e baixo. Como notam Raab e Goodyear (1984:255), tal hierarquia tem como objetivo o desenvolvimento de uma estratégia para a integração de problemas de pesquisa e dados dentro de um corpus acumulativo de conhecimento científico, no qual teorias de escopo limitado, ordenadas em diferentes níveis de generalidade, são submetidas a domínios de princípios gerais crescentes.

As teorias de *nível baixo* são generalizações empíricas sobre o registro arqueológico, baseadas em regularidades repetidamente observadas e que podem ser refutadas pela observação de casos contrários. Essas teorias incluem tipologias e classificações de artefatos, cronologias e seriações, e distribuições espaciais (Trigger, 1989:20; Preucel & Hodder, 1996:08).

As teorias de *nível médio* são aquelas generalizações que tentam explicar as regularidades que ocorrem entre duas ou mais séries de variáveis em múltiplas situações. Segundo Trigger (1989:21), tais generalizações deveriam ter validade trans-cultural e também fazer referências ao comportamento humano. No caso da arqueologia, as teorias de nível médio devem relacionar o registro arqueológico à dinâmica comportamental (Preucel & Hodder, 1996:08). Para tanto, a arqueologia se vale da noção da teoria de médio alcance (*middle-range theory*), conforme adaptada por Binford do conceito sociológico desenvolvido por Merton, a qual busca extrair do registro arqueológico estático a dinâmica das sociedades do passado através de analogias generalizantes com o que pode ser observado no presente (Kuznar, 1997:160; Tschauer, 1996:01-02, Raab & Goodyear, 1984:256). Segundo Binford (1982:36 [1977]), para abordar este problema devem ser desenvolvidas idéias e teorias considerando os processos de formação do registro

arqueológico. Somente com o conhecimento de tais processos é possível “dar confiavelmente significado aos fatos que aparecem, do passado, na era contemporânea” (Binford, 1982:36 [1977]). O que garante tal ligação entre o comportamento atual e a cultura material do passado é o argumento da uniformidade, sendo assumido que os mesmos processos dinâmicos que operaram no passado estão em operação no presente (Binford, 1982:36 [1977]); ou, como coloca Trigger (1995:450): “as correlações aplicam-se a todas as situações nas quais capacidades humanas cognitivas e comportamentais foram as mesmas daquelas dos seres humanos modernos”. Binford, assim, compara as pesquisas focalizando a teoria de médio alcance a “pedras de roseta”, que permitem a conversão acurada da observação dos fatos estáticos em afirmações sobre dinâmica (1982:416 [1981a]).

Outra noção de teoria de médio alcance, que compete com aquela formulada por Binford, foi proposta por Schiffer, o qual, utilizando generalizações provindas da etnoarqueologia, estudos de cultura material moderna e arqueologia experimental, busca ligar o espaço entre o contexto arqueológico e o contexto sistêmico através de uma teoria da transformação (Tschauer, 1996:02). Esta teoria utiliza as generalizações sobre as relações entre o comportamento humano e a cultura material (correlatos) e os processos de formação do registro arqueológico. Schiffer apregoa que o registro arqueológico é um reflexo distorcido do comportamento humano do passado, devido ao fato dele estar sujeito a processos de formação culturais (*c-transforms*) e não culturais (*n-transforms*), de modo que, para o arqueólogo poder entender tal comportamento, ele deve buscar eliminar esta distorção, através da utilização de ferramentas analíticas e inferências construídas a partir do conhecimento das leis que governam esses processos (Schiffer, 1987:07-09). Embora

Binford e Schiffer busquem contrapor suas teorias de médio alcance (ver debate sobre a “premissa Pompéia” em Binford, 1981b; na Arqueologia Histórica, ver Honerkamp & Fairbanks, 1984), Tschauner (1996:08) nota que, na prática, as diferenças entre tais teorias estão longe de ser evidentes.

As teorias de *nível alto*, podem ser definidas como “teorias gerais que integram a dinâmica comportamental a estruturas explanatórias coerentes” (Trigger, citado em Preucel & Hodder, 1996:9). Elas referem-se exclusivamente ao comportamento humano, de modo que perpassam as ciências sociais em geral. Podem ser considerados como exemplos de teorias de alto nível rivais o materialismo histórico (Marxismo), o materialismo cultural e a ecologia cultural. Trigger (1989:22) nota que tais corpos de teoria não podem ser diretamente confirmados ou refutados, pelo fato deles buscarem interrelacionar conceitos antes do que explicar observações específicas.

Os arqueólogos que seguem uma orientação pós-processualista criticam essa classificação, alegando que os adeptos de tais níveis não têm explorado suficientemente as interconexões entre eles e que o foco sobre os problemas de escala obscurecem a forma como as teorias sustentam-se e limitam-se mutuamente umas às outras (Preucel & Hodder, 1996:09). Para Hodder (1992:100), tal separação está relacionada a um modelo de ser humano que separa diferentes atividades funcionais e coloca relações preditivas entre elas.

Porém, como comprova Tschauner (1996), apesar das críticas à teoria de médio alcance, os pós-processualistas baseiam-se nos mesmos tipos de raciocínio e recursos para fazer suas interpretações sobre o passado, aplicando uma série de generalizações sobre o comportamento humano conforme expresso no registro arqueológico. Assim, “a interpretação pós-processual é construída sobre uma fundamentação processualista, a teoria de médio alcance”

(Tschauner, 1996:22). Para Tschauner, portanto, o que diferencia as duas abordagens teóricas não são os recursos metodológicos e os tipos de raciocínio utilizados, mas os aspectos do passado que elas tentam resgatar: “o mundo como objeto de pensamento e ação humana para os pós-processualistas, culturas como sistemas físicos para Binford, atividades para Schiffer” (Tschauner, 1996:26).

Neste trabalho pretendemos transitar entre os dois primeiros níveis teóricos acima mencionados, considerando a análise espacial realizada nos sítios apresentados, como fornecendo os dados empíricos sobre o registro arqueológico (teoria de nível baixo), dos quais buscamos inferir aspectos do comportamento humano relacionados às práticas de descarte de refugio (teoria de nível médio). Assumimos, ainda, que trabalhamos entre tensões teóricas, de modo que, em alguns casos, a utilização de métodos de amostragem e análise de uma arqueologia eminentemente científica, são aliados a interpretações pós-processualistas, considerando tais práticas como constituídas de significados que devem ser interpretados.

Para discutir as práticas de deposição de refugio dos ocupantes dos sítios pesquisados foram adotadas as categorias propostas por Schiffer (1972) e South (1977). Segundo Schiffer (1972), os artefatos têm um ciclo de vida que pode ser dividido em cinco etapas: manufatura, aquisição, uso, manutenção e descarte. Na última etapa os itens materiais deixam de fazer parte do contexto sistêmico- relacionado ao seu ciclo de vida dentro de um sistema cultural, e passam para o contexto arqueológico, tornando-se, assim, objeto de investigação do arqueólogo.

No contexto sistêmico, Schiffer (1972) identifica três categorias de refugio: *primário*, quando o material é descartado em seu contexto original de uso; *secundário*, quando o local de descarte final não é o mesmo do local de uso; e *refugio de fato*, quando o material

alcança o contexto arqueológico sem o desempenho de atividades de descarte. Posteriormente, South (1977) expandiu esta divisão, identificando para os sítios históricos duas modalidades de refugio secundário: *periférico*, quando o material é descartado afastado de uma edificação ou em terrenos baldios; e *adjacente*, quando ocorre o descarte em porções imediatas à edificação.

Grande parte do material doméstico exumado em sítios históricos foi transportado do local de atividade, sendo uma das características desses sítios, o caráter de deposição secundária da maior parte do refugio produzido. Como será demonstrado, adiante, a identificação das categorias de descarte são extremamente úteis para a compreensão dos processos de formação cultural do registro arqueológico.

O MÉTODO

O método utilizado nos casos aqui apresentados não tem um consenso quanto à sua denominação, mas assumimos a utilizada por Hodder & Orton (1976:155-74) e Orton (1982:124-7) de “grid generalization”. O método consiste em dividir uma área em células, geralmente quadradas, onde constarão densidades de artefatos de seções do sítio ou de sua totalidade, produzindo, a partir daí, uma tendência de superfície representada por um mapa de contornos para toda a área, onde linhas irão expressar gradientes distintos de densidade. Embora existam meios de produzir as distribuições sem o auxílio de computadores, empregam-se usualmente, para este fim, programas de computação estatística para ambiente gráfico.

A realização de análises distribucionais com a utilização deste método traz diversas possibilidades, permitindo que em muitos casos a delimitação de um sítio seja possível, suas áreas funcionais sejam conhecidas, padrões de

deposição de refugio sejam identificados e processos de formação sejam discutidos. A inspeção visual das evidências, possibilitada pelos mapas de distribuição, tem sido apontada como um dos mais apropriados e práticos meios de identificar e discutir questões desta natureza (Doran & Hodson, citados em King & Miller:1991:334), ajudando a reduzir julgamentos equivocados sobre o comportamento espacial dos dados (Johnson,1984:17; ver Hodder & Orton,1976:4-6).

Para sua aplicação, contudo, ele apresenta alguns problemas que devem ser levados em conta. O primeiro relaciona-se à forma como o sítio foi escavado: este método mostra-se inadequado para os casos em que existem dados dispersos irregularmente, fazendo com que a distribuição para os locais onde existem grandes vazios seja distorcida (ver Hodder & Orton,1976:166). Outro problema deve-se à divisão da área em quadrados: o seu tamanho e número será escolhido arbitrariamente e isto terá efeito na distribuição resultante, podendo fazer com que tenhamos representações diferentes para os mesmos dados (ver Orton,1982:125-7), o que é absolutamente válido para as distribuições produzidas em computador.

Para minimizar o problema da dispersão dos dados a randomização pode ser uma boa alternativa, assim como o uso de estratégias de amostragem sistemática, fazendo com que sejam obtidos dados de diferentes locais do sítio, distribuídos de forma mais equilibrada, o que é essencial quando tenciona-se dados refinados sobre padronizações espaciais (para o caso das cidades ver Redman,1986:183). Em relação à divisão da área, uma das melhores alternativas é buscar um tamanho e número de quadrados que sejam adequados. Quadrados muito grandes correrão o risco de omitir concentrações discretas de material (ver Orton,1982:125-6) e quadrados muito pequenos produzem muitas linhas repletas de deta-

lhes que não poderão ser interpretadas (Johnson, 1984:83).

O método apresenta maior precisão quando as áreas são relativamente pequenas, bem definidas ou tem densidade de artefatos relativamente alta e não se mostra muito eficiente para revelar áreas de transição (Blankholm, 1991:109).

Deve-se ter em mente, portanto, que este método deve ser encarado como uma aproximação que poderá ser útil em muitos aspectos para a discussão de comportamentos deposicionais do material arqueológico.

O SOLAR LOPO GONÇALVES

A pesquisa arqueológica no Solar Lopo Gonçalves foi desenvolvida no âmbito de um projeto de mestrado para a PUC-RS, entre janeiro e abril de 1996, e teve por objetivo discutir questões relacionadas ao comportamento de consumo dos grupos domésticos que ocuparam esse sítio durante o séc. XIX.

O Solar Lopo Gonçalves é uma casa de porão alto que foi construída na metade do séc. XIX em uma área semi-rural de Porto Alegre. Seu primeiro ocupante, Lopo Gonçalves Bastos, foi um bem sucedido comerciante, que acumulou, à época, uma das maiores fortunas da Porto Alegre. Com a sua morte, em 1872, o solar foi herdado por seu genro e sobrinho, Joaquim Gonçalves Bastos Monteiro, que também foi um comerciante de sucesso. Durante sua primeira ocupação, esta edificação atuou como sede de uma chácara na qual Lopo Gonçalves e sua família, que residiam em um caro sobrado no centro de Porto Alegre, provavelmente passavam os finais de semana e feriados. Com o acentuado processo de expansão urbana pelo qual passou Porto Alegre no último quartel do séc. XIX, esta edificação foi envolvida pela cidade, transformando-se, assim, na provável residência do segundo grupo doméstico que ocupou esse sítio.

A análise das louças exumadas demonstrou que ocorreram mudanças nos padrões de comportamento de consumo dos ocupantes desse sítio com o decorrer daquele século, as quais foram explicadas em função de um contexto mais amplo: o do desenvolvimento urbano de Porto Alegre durante o séc. XIX. Assim, a amostra de louças referente à primeira ocupação caracterizou-se por uma altíssima frequência de peças baratas, muitas das quais já estavam fora de moda na época em que o solar foi construído, demonstrando uma falta de preocupação com a ostentação de *status* sócio-econômico pelos ocupantes do solar a qual era bastante condizente com a condição de sede de chácara que esta edificação exercia. Já as louças relacionadas à segunda ocupação eram de uma qualidade nitidamente superior, com muitas peças cumprindo funções não somente utilitárias mas também sociais, na medida que indicavam a alta condição econômica de seus proprietários, apontando para o caráter residencial da edificação nesse período em que a área à sua volta estava adquirindo características urbanas (Symanski, 1997).

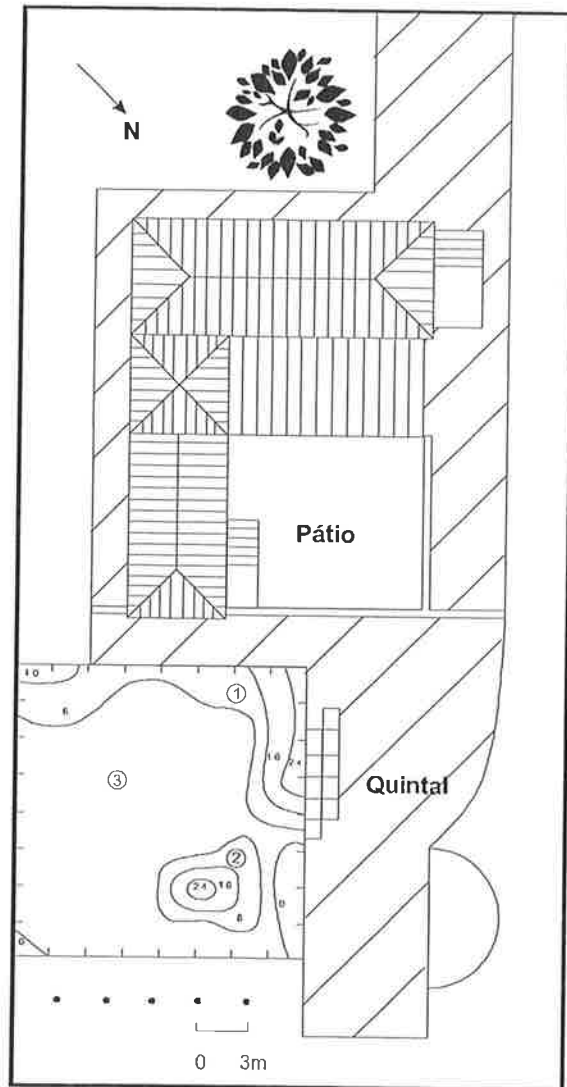
A primeira etapa no trabalho de campo consistiu na realização de tradagens sistemáticas, cujo objetivo foi o de detectar áreas que apresentassem altas densidades de material arqueológico. Devido às grandes dimensões do terreno do solar (6036 m²), optou-se por trabalhar apenas a área localizada atrás da edificação. Foram feitas 54 tradagens, com o auxílio de uma cavadeira boca-de-lobo a espaçamentos regulares de 2 m, abrangendo, uma área de 216 m². Além de detectarem os pontos com maior potencial para a escavação, essas tradagens atuaram também como uma estratégia de amostragem. Assim, elas foram consideradas pontos centrais de quadras de 4m², com cada uma fornecendo, portanto, uma amostra da densidade de material de sua respectiva quadra. Essa estratégia de amostragem, denominada sistemática geométrica, tem por

objetivo produzir uma varredura uniforme da área e que se mostra eficaz para descobrir padrões de distribuição de artefatos nos sítios arqueológicos (Redman, 1974).

Nas áreas de maior potencial, detectadas por meio das tradagens, foram abertas quadrículas de 1 m², totalizando 33 m² de área escavada. A situação estratigráfica do sítio apresentou-se, nos pontos em que o solo não sofreu revolvimento, da seguinte maneira: uma camada preta, superior, com espessura varian-

do entre 20 e 30 cm, apresentando material referente ao séc. XX; uma camada castanha, intermediária, variando de espessura entre 30 e 40 cm, a qual apresentou somente material referente ao séc. XIX; e uma terceira camada, preta, estéril, que é a base do depósito arqueológico. Considerando essa variação estratigráfica, todos os pontos tradados tiveram seu material separado pelos níveis naturais, o que permitiu a elaboração, com o auxílio do computador, dos mapas de distribuição.

Figura 1 – Mapa da distribuição da segunda camada do Solar Lopo



O mapa de densidade da segunda camada pode ser observado na Figura 1. A configuração obtida indica a presença de dois pontos preferenciais de deposição de refugo. O primeiro está localizado próximo da estrutura de habitação (Figura 1, local 1) e demonstra que, durante o séc. XIX, o lixo produzido pelos ocupantes do solar estava sendo depositado adjacente a esta residência. Pode ser observado que houve uma maior intensidade de deposição na área representada pela porção direita superior deste mapa, a qual corresponde à principal área escavada. O segundo ponto, referente a um buraco de lixo (Figura 1, local 2), situa-se em uma área mais distante da estrutura de habitação e limitada espacialmente.

O espaço mais amplo deste mapa apresentou uma baixa densidade de material, variando entre zero e oito artefatos por tradagem (Figura 1, local 3). Constata-se, assim, que houve uma ampla dispersão das evidências arqueológicas no terreno do solar, ocorrendo, porém, uma maior densidade em pontos definidos, indicando que, embora o refugo doméstico estivesse sendo aleatoriamente depositado no terreno, houve dois pontos preferenciais para seu despejo, que podem ser caracterizados como lixeiras. O material arqueológico que foi aleatoriamente despejado apresenta-se, em todos os casos, em fragmentos minúsculos, indicando que, após a deposição, esses objetos foram possivelmente pisoteados por pessoas e animais. Já a amostra recuperada nos pontos de maior densidade caracteriza-se por uma maior proporção de fragmentos grandes que, em alguns casos, recompõem peças quase inteiras. Essas evidências indicam que tais pontos serviram exclusivamente para a deposição de lixo, provavelmente não ocorrendo neles outras atividades, nem sendo locais de trânsito contínuo dos ocupantes do solar.

As linhas da Figura 1, local 1, apontam para uma situação de descarte de refugo secundário adjacente. Já aquelas situadas no local 2, que representam um buraco de lixo do último

quartel do séc. XIX, demonstram uma situação de descarte de refugo secundário periférico. South (1977:179) observa que o refugo secundário adjacente é caracterizado por uma baixa proporção de ossos, os quais, por sua vez, ocorrem em grandes quantidades nos depósitos de refugo secundário periférico. No caso do solar Lopo Gonçalves, porém, os ossos constituíram o material mais abundante encontrado em ambas as situações. Logicamente, a prática de descartar o material ósseo, assim como os demais restos de alimentação, em locais distantes da casa está relacionada a questões óbvias de higiene doméstica. Para o solar, essas evidências indicam que os seus ocupantes não estavam preocupados com tais concepções de higiene, apesar dos maus odores gerados e de toda a sorte de insetos e animais que a deposição desse material pudesse atrair.

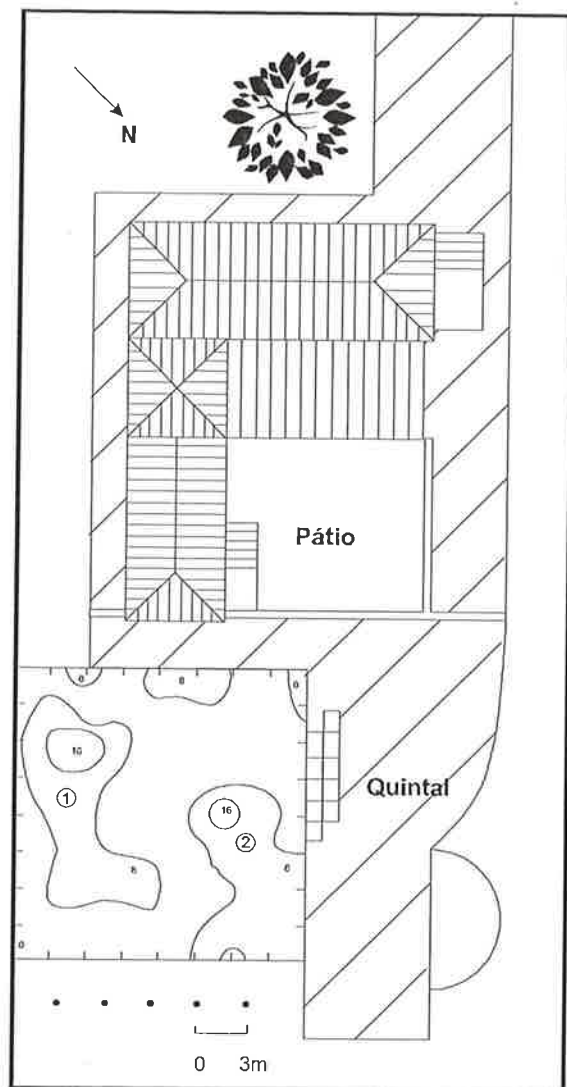
A Figura 2 representa o mapa de densidade das tradagens referentes à camada superior. Esta configuração indica que, durante o séc. XX, mudaram os pontos preferenciais de descarte de refugo. Já não se observa uma alta frequência de material espalhado próximo à estrutura de habitação, como ocorreu no caso anterior. Houve, pelo contrário, uma maior tendência em acumular o refugo doméstico em buracos, caso dos dois lençóis de deposição existentes (Figura 2, locais 1 e 2). Enquanto que no séc. XIX o refugo estava sendo despejado em áreas abertas próximas à casa, já no começo do séc. XX houve uma maior preocupação em enterrá-lo. Assim, uma tendência que, nesse sítio, foi iniciada nas últimas décadas do séc. XIX, como atesta o buraco de lixo periférico da Figura 1, consolidou-se no séc. XX.

Esta preocupação com o enterramento do lixo demonstra que novos preceitos de higiene e salubridade foram adotados pelos ocupantes do solar no começo do séc. XX, época em que a região na qual ele se encontra já estava completamente urbanizada. Como observa Géa (1995:140-143), as preocupações com a higiene, por parte do governo municipal, se

acentuaram entre o final do século XIX e começo do XX, com regulamentos determinando dimensões mínimas dos poços e pátios de ventilação das casas, bem como mudanças no planejamento urbano, a fim de obter ambientes mais higiênicos e, portanto, de maior salubridade nas habitações. Tais preceitos também se estenderam ao lixo doméstico pois, no mesmo período, houve uma preocupação por parte do governo municipal em erradicar o problema da deposição de refugo nos pátios, prin-

cipalmente na área sub-urbana (Monteiro, 1992:106). As evidências arqueológicas indicam, no entanto, que os ocupantes do solar não se preocuparam em seguir tais imposições, de modo que a prática de descarte de lixo em seu pátio adentrou as primeiras décadas do século XX, ainda que este não mais se mantivesse exposto no terreno, mas depositado em buracos que o ocultavam da vista e de uma possível fiscalização.

Figura 2 — Mapa da distribuição da primeira camada do Solar Lopo Gonçalves



O SÍTIO DO QUINCÃO

O Sítio do Quincão foi pesquisado no âmbito do “Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da Área Diretamente Afetada pela UHE – Corumbá”, Goiás, desenvolvido pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás de março de 1994 a março de 1996, um projeto financiado por FURNAS – Centrais Elétricas S.A. (Ataídes, 1996; Souza, 1996).

O sítio foi uma antiga casa de cobrança de pedágio e morada que serviu a uma ponte no rio Corumbá responsável pela ligação entre as cidades de Caldas Novas e Ipameri no estado de Goiás, tendo sido ocupado entre 1909, data da inauguração da ponte e 1910, quando esta foi destruída por uma enchente.

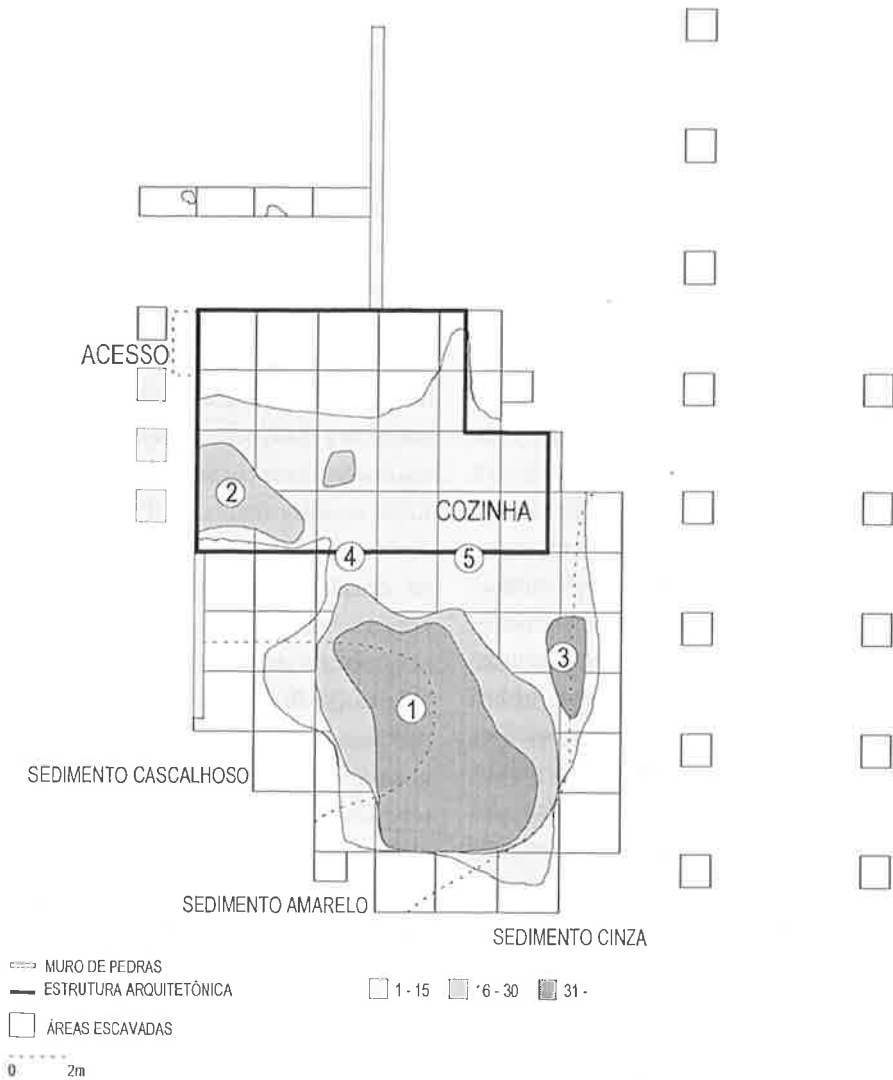
A análise do seu arranjo espacial teve como objetivo discutir a função das casas de pedágio: as atividades domésticas e de trabalho e o modo de ordenação social envolvido num assentamento desta natureza. Para isto, foram combinados à interpretação da distribuição dos artefatos, as evidências arquitetônicas evidenciadas nas escavações e o conhecimento adquirido sobre a área de estudo pelas equipes de História, Antropologia e Arquitetura envolvidas no projeto. Dada a singularidade desse sítio, cujo intervalo de ocupação apresentou-se extremamente reduzido, optou-se pela ênfase numa abordagem sincrônica. Por este meio, o curto intervalo de ocupação foi convertido num elemento de análise, privilegiando-se as relações entre a estratigrafia horizontal e a cultura material recuperada.

As escavações foram realizadas por meio de um método assistemático, com uma primeira etapa envolvendo a realização de sondagens nas áreas posterior, frontal e laterais à edificação e, uma segunda, com a ampliação das escavações onde foi identificado material arqueológico, o que revelou um estreito lençol de deposição com cerca de 140 m² para a média de 7 fragmentos por m².

Para a elaboração dos mapas de distribuição em computador, os artefatos recuperados no sítio foram reunidos, compondo uma única distribuição (Figura 3) e posteriormente agrupados por classes: materiais construtivos, de transporte/trabalho, de estocagem/preparação/consumo de alimentos, higiene pessoal e restos alimentares.

O mapa de distribuição total revelou três locais de maior concentração de material: Um primeiro, de maior extensão e com alta concentração de fragmentos, lateral ao edifício (Figura 3, local 1), um segundo, discreto mas representativo, situado dentro da edificação (Figura 3, local 2) e um terceiro, que não associava-se a um comportamento específico, uma vez que era formado pela concentração de muitos fragmentos de uma mesma peça. Observou-se que na parte externa da casa o lençol de deposição estava relacionado a uma segunda camada de cor amarela, seca durante todo o ano, estando ausente onde a segunda camada era de cor cinza, onde há uma turfeira que durante a estação chuvosa torna-se encharcada. Esta última se constituiria em uma lixeira natural, mas não foi encontrado material nesta área, aparecendo imediato à casa e onde o sítio poderia ser frequentado durante todo o ano, o que foi associado à modalidade de refúgio adjacente, revelando poucos cuidados no despejo do lixo, o que ficou ainda mais evidente na distribuição de restos alimentares, situados em um estreito lençol de deposição, muito próximo à casa. A concentração no interior da edificação (Figura 3, local 2), revelou ainda um dado importante, uma vez que aí aparecem tanto materiais ligados ao transporte/trabalho quanto às atividades domésticas, associando-se a uma modalidade de refúgio de fato e fornecendo elementos para a compreensão das atribuições do espaço, denotando provavelmente um local de atividade e convívio, comum na área de estudo.

Figura 3 – Mapa da distribuição total de artefatos do Sítio do Quincão.



As distribuições revelaram ainda dois pontos prováveis de acesso ao edifício (Figura 3, locais 4 e 5), onde a concentração lateral é “puxada” em direção à edificação, o que ficou ainda mais evidente na distribuição dos materiais de estocagem/preparo/consumo de alimentos. Segundo Pogue (1988:45), as portas servem como uma avenida para deposição de refugo, o que é legítimo para este sítio, sobretudo levando-se em conta que trata-se

de uma área adjacente de deposição, onde o lixo foi provavelmente arremessado. As duas portas dariam acesso a área de atividade/conívio e à cozinha, de âmbito eminentemente doméstico.

Após a análise das distribuições, as informações obtidas foram somadas aos dados sobre as estruturas identificadas nas escavações, o que revelou um espaço com domínios bem demarcados. Defronte a fachada frontal do

edifício, era o local onde os tributos de passagem eram arrecadados e onde possivelmente se dava o pouso dos viajantes, sendo este o espaço do trabalho, público, do homem, e que se mostrou absolutamente segmentado de outro ambiente, separado por muros, que era o espaço doméstico, íntimo e da mulher, onde o refugio foi quase todo depositado, apresentando uma única conexão, no interior do Edifício, onde é possível que tenha existido um local de atividade e convívio. A paisagem arquitetural, nesse contexto, fronteirizava e estabelecia domínios completamente assimétricos, impondo ao estranho barreiras bem definidas.

O estudo da cultura material classificada como materiais de estocagem/preparo/consumo de alimentos, por sua vez, revelou utensílios destinados à prática de receber visitas, destacadamente pires e xícaras, dando indicações de que, naquele momento, este grupo de artefatos estava sendo muito usado. Eles serviam para o consumo de café, cuja prática era extremamente ritualizada, uma vez que desempenhava o papel de romper as barreiras impostas pela paisagem arquitetural, promovendo e definindo a aproximação social no âmbito doméstico.

Assumindo a noção que a ação social estava sendo mediada pela cultura material, encontrou-se, diante dessas evidências, explicações sobre o modo de ordenação social na área estudada, que se baseava na rejeição e desconfiança diante de estranhos, rompida tão logo esses ganhassem a confiança do domiciliado local, traço ainda presente na cultura da região.

O ARRAIAL DE OURO FINO

A pesquisa em Ouro Fino vem sendo realizada no âmbito de um projeto de mestrado para a Universidade Federal de Goiás e se inclui no “Projeto A Grande Vila Boa – Resga-

tando o Passado”, desenvolvido pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás com o apoio da Secretaria de Cultura, Turismo e Meio Ambiente do Município de Goiás e Faculdade Cora Coralina, Goiás.

O Arraial de Ouro Fino surgiu no contexto da mineração do ouro em Goiás, por volta de 1726, sendo possível supor que ele tenha sido populoso, contando com grande número de casas. Com o esgotamento das jazidas, nas últimas décadas daquele século, Ouro Fino sentiu o processo de ruralização experimentado em toda a Província de Goiás, quando os povoados foram se esvaziando, não obstante, em 1783, contava ainda com 15 tabernas e 4 lojas de fazenda (Bertran, 1996:115). Nas primeiras décadas do séc. XIX, passou a servir de pouso e lugar de moradia a pequenos criadores, contando com 60 casas em 1824 (Mattos, 1979:31). Com o tempo, ele viria a dar lugar para as casas de veraneio da elite goiana, tendência que persistiu até meados do séc. XX, quando foi definitivamente abandonado. Atualmente o sítio conta apenas, em superfície, com as ruínas da Igreja, alguns alicerces, restos de construção e vestígios de muros e ruas, sendo cortado por uma estrada ainda transitável e servindo como pasto em sua quase totalidade.

A pesquisa, em andamento, tem por objetivo discutir a ambientação social dos domiciliados urbanos no sítio durante o período da mineração, envolvendo tanto os mineiros quanto seus escravos. Dentro desta discussão, o arranjo espacial da cidade tem fundamental importância e para isso dois pressupostos foram assumidos. O primeiro baseia-se no conceito de “cidade-sítio” proposto por Cressey (1978). A cidade está sendo entendida como uma única unidade analítica, considerando que o registro arqueológico em sítios urbanos apresenta-se espa-

cialmente contínuo (Zarankin, 1995:38-9). O segundo, diz respeito à segmentação dos espaços. Para isto, foi assumido o conceito de “centro-periferia”, partindo da idéia de que nas cidades pré-industriais havia a tendência da formação de uma área central, onde concentrava-se a elite e uma área periférica, onde os grupos pobres ou etnicamente marginalizados se estabeleciam (Sjoberg, citado em Wall, 1987:65).

Os trabalhos de campo no sítio envolvem três etapas: 1) mapeamento das estruturas, 2) tradagens, 3) sondagens, 4) ampliação de escavações. O mapeamento das estruturas foi realizado por meio de linhas de caminhamento paralelas a intervalos de 5 m, onde cada estrutura identificada recebeu uma estaca de sinalização. Após este trabalho, as estruturas foram mapeadas e elaborada uma planta baixa. Na segunda etapa, foram feitas 392 tradagens no sítio por meio de um esquema de amostragem sistemática geométrica, realizando-se perfurações no solo com uma cavadeira boca-de-lobo a intervalos de 20 m, que eram interrompidas sempre que verificavam-se repetidas intervenções com ausência de material.

Os mapas de distribuição foram elaborados com base nos dados das tradagens, tendo-se reunido o material arqueológico em dois grandes grupos: materiais construtivos (fragmentos de telha, adobe, cravos etc) e materiais não construtivos (refugo doméstico, restos alimentares etc). O material quantificado não foi separado por níveis, uma vez que procurou-se observar tendências de longo termo no sítio: áreas preferenciais de edificação, intensidade da ocupação, locais com presença ou ausência de materiais construtivos permanentes e limites do território ocupado. Para a análise dos mapas, as distribuições foram sobrepostas à planta baixa do sítio, elaborada na etapa anterior da pesquisa.

O mapa de distribuição dos materiais construtivos revelou uma área de dispersão de aproximadamente 20.000 m² (Figura 4). O comportamento das distribuições sugere que o traçado da cidade, identificado em primeira instância pelas estruturas remanescentes, quase todas associadas aos momentos finais de ocupação do sítio, apresenta extrema coerência com o comportamento dos depósitos sub-superficiais, o que indica pouca ou nenhuma alteração no traçado da cidade ao longo do tempo.

Observa-se, na planta, a formação de uma praça delimitada pela Igreja e Cemitério anexo, estruturas de um seminário de fins do séc. XIX e alinhamentos de alicerces, o que pode ser também verificado pela baixa densidade de materiais construtivos neste ponto (Figura 4, local 1) e pelos depósitos sub-superficiais que aparecem fazendo o seu contorno (Figura 4, pontos 2, 3, 4 e 5). Verificou-se também dois alinhamentos de casas, um irradiando-se de uma das laterais da praça, onde hoje existe uma estrada transitável (Figura 4, locais 5, 6, 7 e 8) com o ponto onde ela cruza a praça aparecendo nitidamente, sem a presença de edificações (Figura 4, entre os locais 2 e 5) e outro irradiando-se da lateral oposta, acompanhando um muro até o seu fim (Figura 4, local 9). Há ainda um ponto com alta densidade de materiais construtivos, onde as casas se organizavam, provavelmente, em torno de um ou dois quarteirões (Figura 4, local 10). Tais evidências têm sido associadas à ocupação central da cidade, habitada pela elite e seus escravos domésticos. Os vestígios de materiais construtivos associados unicamente aos grupos afro-brasileiros ou à população economicamente desfavorecida são de visibilidade menor e incluem-se possivelmente nas bordas desta distribuição, entre o núcleo urbano e as áreas de atividade mineratória, que são quase imediatas ao sítio, o que será objeto de investigação nas etapas posteriores da pesquisa.

Figura 4 — Mapa da distribuição dos materiais construtivos de Ouro Fino.



A metodologia empregada nesta etapa se mostrou útil, mas algumas de suas limitações devem ser consideradas. A primeira diz respeito à ferramenta utilizada. A cavadeira boca-de-lobo, embora permita recuperar fragmentos razoavelmente íntegros, não ultrapassa com eficiência a profundidade de 0,85 m. No sítio, em 4% dos casos, verificou-se que o solo arqueológico ultrapassava esta profundidade. Uma segunda deve-se à pouca área de terra que é removida (cerca de 25 cm²). Devido a este problema, nos locais onde há baixa densidade de artefatos, existe a tendência das tradagens não encontrarem material arqueológico. Nos limites SSE do sítio o terreno é arado, tendo sido delimitado por meio da dispersão do material de superfície e, embora as distribuições produzidas tenham se aproximado do contorno desta delimitação, distanciaram-se dela em alguns metros (Figura 4, local 11). Portanto, deve-se esperar para esse sítio limites um pouco mais largos.

CONCLUSÃO

A análise distribucional intra-sítio foi concebida pela Arqueologia Processual, cujos métodos baseiam-se em princípios matemáticos. A aquisição e tratamento dos dados (nível baixo) nos três casos estudados, derivaram, portanto, de uma orientação processual. Do mesmo modo, foi dada ênfase na ligação

proposta por Schiffer (1972) entre o contexto arqueológico e o contexto sistêmico (teoria de nível médio), também de orientação processualista, fortemente atada à necessidade de generalizações de nível baixo.

As interpretações geradas nos casos do Lopo Gonçalves e Quincão, no entanto, apresentam contornos distintos. No Lopo Gonçalves, uma abordagem analítica processual, considerando as relações entre as variáveis arqueologicamente observadas, foi utilizada para explicar as mudanças nas práticas de descarte de refugo, de modo que buscou-se relacionar os padrões encontrados no registro arqueológico com padrões de comportamento dos ocupantes desse sítio (Deagan, 1982:164; South, 1977). O estudo do Sítio do Quincão, por outro lado, pauta-se numa argumentação pós-processualista, considerando que os artefatos são agentes ativos, mediando e legitimando relações sociais (Hodder, 1982; 1986).

Consideramos que as tensões teóricas geradas por algumas concessões processualistas, pelas muitas contradições pós-processualistas, incluindo as generalizações e, ainda, pela possibilidade de colocar as teorias de nível baixo a serviço das teorias de nível alto com relativa autonomia, deflagram a possibilidade de diálogo entre diferentes tendências, uma realidade inquietante mas promissora para os estudos que envolvem análises distribucionais intra-sítio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATAÍDES, J. M. DE (coord.), 1996. *Patrimônio Histórico-Cultural. UHE – Corumbá*. Relatório final preparado pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Católica de Goiás. Submetido a FURNAS – Centrais Elétricas S.A.. Goiânia.
- BERTRAN, P.(org.), 1997. *Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783*. V.1. Goiânia: Solo Editores.
- BINFORD, L., 1977. General Introduction. *For Theory Building in Archaeology: Essays on Faunal Remains, Aquatic Resources, Spatial Analysis, and Systemic Modeling*. L.

- Binford (ed.). New York: Academic Press, pp.1-13. Reimpresso em: Binford, L., 1982. *Working at Archaeology*. New York: Academic Press.
- BINFORD, L., 1981a. Middle-Range Research and the Role of Actualistic Studies. *Bones: Ancient Men and Modern Myths*. New York: Academic Press, pp.21-30. Reimpresso em: Binford, L., 1982. *Working at Archaeology*. New York: Academic Press.
- BINFORD, L., 1981b. Behavioral Archaeology and the "Pompeii Premise". *Journal of Anthropological Research* 37(3):195-208.
- BLANKHOLM, H. P., 1991. *Intrasite Spatial Analysis in Theory and Practice*. Denmark: Aarhus University Press.
- CRESSEY, P. J., 1978. The City as Site: The Alexandria Model for Urban Archaeology. *The Conference on Historical Site Papers*. V.13. S.South (ed.). Columbia: University of South Carolina. pp.204-227.
- DEAGAN, K., 1982. Avenues of Inquiry in Historical Archaeology. *Advances in Archaeological Method and Theory*5:151-177. M.B. Schiffer (ed.). New York: Academic Press.
- GÉA, L. S., 1995. *O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893-1929)*. Dissertação de Mestrado em História (História do Brasil). Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- HODDER, I. (ed.), 1982. *Symbolic and Structural Archaeology*. London: Cambridge University Press.
- HODDER, I., 1986. *Reading the Past*. London: Cambridge University Press.
- HODDER, I., 1992. *Theory and practice in archaeology*. London and New York: Routledge.
- HODDER, I. & ORTON, C., 1976. *Spatial Analysis in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HONERKAMP, N. & FAIRBANKS, C. H., 1984. Definition of Site Formation Processes in Urban Contexts. *American Archaeology* 4(1):60-67.
- JOHNSON, I., 1984. Cell Frequency Recording and Analysis of Artifact Distributions. *Intrasite Spatial Analysis in Archaeology*. H. Hietala (ed.). Cambridge: Cambridge University Press. pp. 75-96.
- KING, J., 1988. A Comparative Midden Analysis of a Household and Inn in St. Mary City, Maryland. *Historical Archaeology* 22(2):17-39.
- KING, J. & MILLER, H. M., 1991. The View From the Midden: An Analysis of Midden Distribution and Composition at the Van Sweringen Site, St. Mary City, Maryland. *Approaches to Material Culture Research for Historical Archaeologists*. G.L. Miller et al. (comp.). Pennsylvania: Society for Historical Archaeology. pp.331-353.
- KUZNAR, L. A., 1997. *Reclaiming a scientific anthropology*. Walnut Creek: Altamira Press.
- LIMA, T. A., 1996. A Arqueologia Histórica na Encruzilhada: Processualismo + ou x Pós-Processualismo?. Anais da XVIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. A.A. Kern (org.). *Coleção Arqueologia N.1, V.1*. Porto Alegre: EDIPUCRS. pp. 227-230.
- LIMA, T. A., no prelo, a. Teoria e Método na Arqueologia Brasileira: Avaliação e Perspectivas. *Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. CD-Rom.
- LIMA, T. A., no prelo, b. A Aplicação da Teoria na Arqueologia Histórica. A Trajetória de um Projeto de Pesquisa. *Atas da III Con-*

- ferência Internacional de Arqueologia Histórica Americana.*
- MATTOS, R. J. da C., 1979. *Chorografia Histórica da Província de Goiás*. Goiânia: SUDECO/Governo de Goiás.
- MONTEIRO, C., 1992. *A inscrição da modernidade no espaço urbano de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em História (História do Brasil). Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- PREUCCEL, R. W. & HODDER, I. 1996. Communicating present pasts. In: Preucel, R.W. & Hodder, I. (eds.), *Contemporary archaeology in theory*. Great Britain: Blackwell.
- ORTON, C., 1982. *Mathematics in Archaeology*. Cambridge University Press.
- POGUE, D.J., 1988. Spatial Analysis of the King's Reach Plantation Homelot, ca. 1690-1715. *Historical Archaeology* 22(2): 40-56.
- RAAB, L. M. & GOODYEAR, A. C., 1984. Middle-range theory in archaeology: a critical review of origins and applications. *American Antiquity* 49 (2):255-268.
- REDMAN, C. L., 1974. Archaeological Sampling Strategies. *Addison-Wesley Modules in Anthropology*, 55.
- REDMAN, C. L., 1986. *Qsar es-Seguir. An Archaeological View of Medieval Life*. New York: Academic Press.
- RENFREW, C. & BAHN, P., 1991. *Archaeology: theories, methods and practice*. London: Thames and Hudson.
- SCHIFFER, M. B., 1972. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity* 37(2):156-165.
- SCHIFFER, M. B., 1977. *Formation processes of the archaeological record*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- SHANKS, M. & TILLEY, C., 1987. *Social theory and archaeology*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- SILVA, R. T. DA., 1997. *Resgate Arqueológico. Sítios Gengibre e Lourenço*. Goiânia: UCG/IGPA.
- SOUTH, S., 1977. *Method and theory in historical archaeology*. New York: Academic Press.
- SOUZA, M. A. T. DE, 1996. O Sítio do Quincão. Exemplo de um Estudo Interdisciplinar no Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da ADA pela UHE –Corumbá – Goiás. Anais da XVIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. A.A. Kern (org.). *Coleção Arqueologia* N.1, V.2. Porto Alegre: EDIPUCRS. pp. 573-580.
- SYMANSKI, L. C., 1997. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Coleção Arqueologia 5, Porto Alegre: EDIPUCRS.
- TRIGGER, B., 1989. *A history of archaeological thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TRIGGER, B., 1995. Expanding middle range theory. *Antiquity* 69:449-58.
- TSCHAUNER, H., 1996. Middle range theory, behavioural archaeology, and postempiricist philosophy of science in archaeology. *Journal of archaeological method and theory* 3(1):1-29.
- WALL, D. D., 1987. Settlement System Analysis in Historical Archaeology: An Example from New York. *Living in Cities: Current Research in Urban Archaeology*. E.Staski (ed.). Special Publication Series. N.5. USA: Society for Historical Archaeology. pp.65-74.

- WILLIAMS, M. W., 1986. Sub-Surface Patterning at 16th Century Puerto Real, Haiti. *Journal of Field Archaeology* 13(3):283-96.
- WÜST, I., No Prelo. Implicações Teóricas e Práticas da Análise espacial Intra-Sítio no Estudo das Sociedades Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro. *Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. CD-Rom.
- WÜST, I. & CARVALHO, H. B., 1996. Novas Perspectivas Para o estudo dos Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro: A Análise Espacial do Sítio Guará I (GO-NI-100), Goiás. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia* 6:47-81.
- YOFEE, N. & SHERRAT, A., 1993. Introduction: The Sources of Archaeological Theory. *Archaeological Theory: Who Sets the Agenda?* N. Yoffee & A. Sherratt (eds.). Cambridge: Cambridge University Press. pp. 1-9.
- ZARANKIN, A., 1996. Arqueologia Histórica en Santa Fé La Vieja: El Final del Principio. *Historical Archaeology in Latin America*. V.10. S.South (ed.). Columbia: University of South Carolina.